

MÚSICA, LITERATURA E CINEMA: CONFLUÊNCIA DE ARTES

FLECK, Gilmei Francisco¹

LOPEZ, Cristian Javier²

RESUMO: Desde suas origens, o homem manifestou-se como ser social capaz de expressar-se por meio das diferentes linguagens. Em todas as diferentes épocas, culturas e povos, vemos esta necessidade imperiosa do homem de se comunicar com o seu meio. Em sua busca incessante pela comunicação desenvolveu diferentes meios de expressão e entre esses destacam-se ao longo da história a Literatura e a Música como linguagens próprias que confluíram ao longo dos séculos e possibilitaram formas híbridas de manifestação da subjetividade. Essa confluência é com tudo ampliada e enriquecida quando a ela, mais tarde, se junta a arte cinematográfica. Buscamos analisar ao longo deste trabalho parte da trajetória dessa confluência: Literatura, Música e cinema. Para isso abordamos num primeiro instante a confluência da Música e Literatura na história e, em seguida, já na fase da produção das grandes Óperas enfocamos o enriquecimento dessa confluência com o aporte da arte cinematográfica.

PALAVAS-CHAVE: Confluência de artes, Ópera, Estudos comparados.

Desde suas origens, o homem manifestou-se como ser social capaz de expressar-se por meio das diferentes linguagens. Foi, e segue sendo ainda hoje, o seu desejo inconsciente de se expressar que o leva e dirige em busca de diversas formas que lhe sirvam e pelas quais possa se manifestar frente às mais variadas circunstâncias. Em todas as diferentes épocas, culturas e povos, vemos esta necessidade extrema do homem de se comunicar com o seu meio. Como exemplo disso, podemos citar, já nos começos da história, as primeiras criações gráficas

¹ Gilmei Francisco Fleck – Professor Adjunto da UNIOESTE/Cascavel na Graduação e Pós-graduação em Letras nas áreas de Literatura Comparada e Culturas Hispânicas. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Vice-líder do grupo de pesquisa “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura”. Coordenador do PELCA: Programa de Ensino de Literatura e Cultura. Coordenador do Projeto de Pesquisa Básica e Aplicada “Gêneros ficcionais híbridos da modernidade: outros olhares sobre o passado da América”, financiado pela Fundação Araucária. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

² Cristian Javier Lopez – Acadêmico do curso de Música da Universidad Nacional de Tucumán/Argentina e do Conservatorio Provincial de Música de Tucumán/Argentina. Intercambista do Programa de Ensino de Literatura e Cultura – PELCA – da Unioeste/Cascavel. Colaborador do Projeto de Extensão: “Literatório – a prática da Literatura na escola”, vinculado ao Programa. Colaborador do Projeto de Pesquisa Básica e Aplicada “Gêneros ficcionais híbridos da modernidade: outros olhares sobre o passado da América”, financiado pela Fundação Araucária e Coordenado pelo prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck. E-mail: cj_lopez2@hotmail.com

chamadas, atualmente, de “Arte rupestre”. Com elas, sem conhecer a escrita ainda, o homem retratava seu mundo e suas vivências.

A ânsia de manter vivas as conquistas, as descobertas e as tantas outras experiências vivenciadas e transmitidas oralmente de geração a geração levou nossos antepassados a encontrar muitos meios de registrá-las. Tais distintas formas de comunicação foram evoluindo até que se chegou a um complexo sistema chamado escrita que, sempre calcado na base oral, possibilitou um acúmulo maior e uma sistematização mais precisa de informações, facilitando o acesso a elas, tal qual concebidas em sua época, por indivíduos distanciados no tempo. Este feito, como sabemos, marcou o limite entre a pré-história e o início da história.

Assim, a escrita tornou-se um instrumento, um meio, uma ferramenta pelo qual os homens passaram, ao lado da oralidade, a registrar a sua visão dos acontecimentos, aqueles que julgaram relevantes, expondo, assim, a sua leitura de mundo. Esta leitura, ou seja, a visão, a concepção e o entendimento da realidade impregnada pela intenção de explicar aquilo que lhe parecia raro ou estranho possibilita ao homem criar uma imagem do mundo que o cerca. De acordo com Merino (2002, p. 57), “*la narración de ficciones ha sido el instrumento natural de ser humano para explicar el mundo a su medida desde que tuvo conciencia de existir en él. [...] somos el homo sapiens porque somos el homo narrans*”. Estes registros, por sua vez, passaram a ser as fontes referenciais das quais hoje nos servimos para realizar a leitura de nosso mundo, para entender nossa realidade, consequência destas vivências passadas. Contudo, dentro desse sistema evolutivo o ser humano desenvolveu outras preciosas formas de comunicação: as artes. Por meio delas o homem pôde também expressar grande parte de sua subjetividade.

A música é um desses meios de expressão e comunicação que o ser humano foi aperfeiçoando e ampliando ao longo de toda a história; uma linguagem própria que possibilita o conhecimento do mundo interior, das outras pessoas e de nós mesmos. Conforme expressa William Lovelock (2001, p. 9), “a música não ‘progrediu’ no sentido de que ficou continuamente ‘cada vez melhor’ [...]. Só em tempos comparativamente recentes é que se obteve uma compreensão clara do valor de grande parte da música mais antiga [...]”. O empenho dos musicólogos nesse sentido representa um dos mais significativos esforços em

busca da história dessas formas peculiares de expressão desenvolvidos pelo homem ao longo de sua existência.

Por outro lado, ao dominar e aperfeiçoar cada vez mais o sistema da escrita, o homem passou a efetuar seus registros com uma maior riqueza de nuances, empregando um maior e mais diversificado conjunto de técnicas narrativas. Esse fato levou-o, em certo momento, a optar por distintas formas de registros, separando aqueles que se propunham a ser objetivos, mais científicos e passíveis de comprovação daqueles mais subjetivos, mais voltados para a exploração do potencial da própria linguagem.

O desenvolvimento do potencial representativo da linguagem conduz ao aparecimento da arte literária – uma expressão artística que explora ao máximo o poder expressivo, evocativo e representativo dos signos linguísticos, utilizados pelo homem em seu processo mais comum de comunicação – ampliando, desse modo, a própria essência da linguagem, uma vez que

[...] la literatura nos permite vivir en un mundo cuyas leyes transgreden las leyes inflexibles por las que transcurre nuestra vida real, emancipados de la cárcel del espacio y del tiempo, en la impunidad para el exceso y dueños de una soberanía que no conoce límites. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 394)

Essas duas linguagens – música e literatura – têm vivido muito próximas desde muitos séculos e, na atualidade, não representam tão só a junção de duas linguagens diferentes em um plano de arte, senão todo um complexo de inter-relações e interdisciplinaridades que oferecem inúmeras possibilidades de aproximações. A confluência entre essas duas artes remonta, também a tempos longínquos, às origens mesmas de alguns sistemas sociais e culturais que influenciaram toda a nossa história.

Nomeamos algumas civilizações, a modo de exemplo, que promoveram, de forma relevante, essa confluência.

1- Grécia: uma civilização que nos deixou como legado uma vasta coleção literária, bem como em outras artes. A música, na Grécia, estava ligada a diversos aspectos da vida cotidiana, política e religiosa. Foi o grande filósofo Pitágoras, a quem se confere a descoberta das leis da harmonia e da relação aritmética da escala musical, que teve singular importância

nesse contexto, transcendendo fronteiras e oferecendo-nos as bases do sistema musical ocidental.

2- Índia: nessa civilização encontramos um valioso exemplo de como as expressões literárias e musicais se entrelaçam na vida dos povos. Esta relação está plasmada nos livros *Vedas*. Estes livros são um conjunto de quatro escritos em sânscrito, de caráter religioso, dentro dos quais se fixa, detalhadamente, os diferentes rituais do brahmanismo. Especificamente no livro chamado *Samaveda* – Veda dos cantos rituais – estão plasmados até os modos vocais em que devem ser executadas as canções para os rituais.

3- Povos pré-colombianos: entre os habitantes nativos da América Latina destacamos as civilizações astecas, maias, incas y guaranis em especial, pois tinham em suas estruturas sociais uma relação estreita entre as diferentes áreas e a música. Séculos depois da conquista da América os catequizadores, ao aprender a língua dos nativos, passam a relatar essa relação ao recopilar as histórias, hábitos e costumes desses povos. Exemplo disso é o *Chilan Balan* e o *Popol Vuh*, dois grandes escritos que sobreviveram até nossos dias. São uma coleção de textos que expõe a criação do mundo, do homem e dos animais, calendários e rituais. Ditos escritos, influenciados pela visão dos conquistadores, foram traduzidos a vários idiomas como o Espanhol e o Francês.

As primeiras composições musicais estavam relacionadas, diretamente, com a transmissão de valores e costumes próprios de cada cultura. Essa relação estava ligada a atos da vida cotidiana, religiosa, cultural e política. Nesse sentido, Loverlock (2001, p. 6-7) registra: “a história do desenvolvimento de uma arte não pode ser tratada isoladamente. A música, tal como a pintura, a escultura ou a arquitetura, tem sido afetada continuamente por fatores externos, em especial as condições e mudanças eclesiásticas e sociais”. Desde suas origens também a literatura passou, ao igual que a música, por sua forma oralizada de expressão e esteve sujeita às condições sociais, políticas e religiosas vigentes em cada sociedade que a adotou como forma especial de arte. É a tradição oral que nos deu o nascimento das histórias, fábulas, lendas, contos, e tantas outras formas de criação que cada povo utilizava e, assim, construía seu legado artístico, histórico e cultural. Esses conhecimentos se transmitiram de geração em geração, em rituais quase sagrados em muitas culturas, perpetuando-se ao longo dos séculos. Isso se deu, entre outros gêneros literários,

com o conto, conforme menciona Gómez Domingo (2007, p. 56) ao apontar que “*es desde luego, en la tradición y transmisión oral donde se fraguó el cuento, pasando de generación a generación y de unas culturas a otras, aunque ha mantenido siempre su esencia*”.

Assim encontramos na história, por exemplo, a figura do jogral, que ia de povoado em povoado, levando as notícias, músicas, lendas e entretenimentos. Após estes também vieram os trovadores – os primeiros em adotar o latim como língua popular –, que em seu ofício uniam música e literatura. Eles foram adotando diferentes romances em sua tarefa, os quais dariam origem a algumas das línguas neolatinas atuais. Dessa época se tem conservado alguns exemplos dessa mistura entre música e literatura que, em sua forma oral, transmitiam-se de povo em povo, utilizando-se, também, dessa rica mistura de línguas que conviviam, por exemplo, na Península Ibérica. Vejamos, pois alguns pequenos fragmentos de “cantigas” dessa época.

Jarchas mozárabes
(siglo XI)

¿Qué faré, mamma?
Meu al-habib est ad
yana.
(...)
Gar, ¿qué fareyu? ¿Com
vivireyu?

Este al-habib espero, por
él morreyu.

Cantiga de amigo Gallego-portuguesa (siglo XIII)
Ondas do mar do Vigo,
Se vistes meu amigo!
e ai Deus, si verrá cedo!
Ondas do mar levado,
Se vistes meu amado
e ai Deus, se verrá cedo!

Como se puede observar, esos antiguos versos, compuestos para ser cantados, o recitados acompañados de música, revelan formas de lenguaje que, al pasar del tiempo constituirían las actuales lenguas neolatinas o entonces iban a desaparecer con la imposición de éstas. Lo que nunca ha desaparecido es la hermandad entre música y literatura que cada vez más pasaba a explotar diferentes medios de conjugar sus formas propias de expresión del subjetivismo, del lirismo amoroso, y los sentimientos elevados del alma humana.

Nesse contexto da Península Ibérica encontramos, já durante a época do Renascimento, a produção poética de Juan del Encina (1469-1529), na qual a irmandade entre Música e Literatura constitui-se em fonte primaria da produção. A maior parte de sua obra lírica foi composta com intenções claras de que fora cantada, acrescentando-lhe assim, não somente aquilo que é próprio da literatura, como também o poder evocador do ritmo e da

cadência, proporcionados pela musicalidade. Explorando fatos do cotidiano, transformados em matéria poética, o eu-lírico “canta” suas aventuras a seu interlocutor em lamentações de amor, como podemos observar em “Ay, triste, que vengo”:

Ay, triste, que vengo

Ay triste que
vengo
vencido d’ amor
magüera pastor.

Más sano me fuera
no ir al mercado
Que no que viniera
Tan aquerenciado.
Que vengo cuitado
vencido d’ amor
magüera pastor.

Di jueves en villa
Viera una doñata
Quise requerilla
Y aballó la pata.
Aquella me mata
vencido d’ amor
magüera pastor.

Con vista
halagüera
Miréla y miróme
Yo no sé quien era
Más ella
agradóme.

Y fuese y dejóme
vencido d’ amor
magüera pastor.
De ver su
presencia
Quedé cariñoso
Quedé sin
hemencia
Quedé sin reposo.
Quedé muy
cuidoso
vencido d’ amor
magüera pastor.
[...]
Sin dar yo tras ella
No cuido ser vivo
Pues que por que
ella
De mí soy esquivo.
Y estoy muy
cativo
vencido d’ amor
magüera
pastor.(GUIJARR
O CEBALLOS,
1999).

Com um “relato” simples, o eu - lírico expressa a sua “magüera pastor” todo seu sofrimento diante do encontro que teve com aquela que lhe arrebatou o coração e a paz ao não corresponder a seu amor, deixando-o sozinho e com a alma ferida. Tal subjetividade, expressa por meio de um poema narrativo conjugado ao ritmo, cadência e melodia da música, chega ao âmago da subjetividade do homem.

Essa confluência entre Literatura e Música passa historicamente por um processo de intensificação. Nesse processo de evolução da confluência vão surgindo formas novas de expressão artística e, mais adiante, teremos outro exemplo de como a Literatura e a Música vão estendendo suas inter-relações também a outras artes como a dança, o teatro, as artes visuais para, finalmente, criar uma das mais complexas mesclas de expressões artística nas quais essas diferentes expressões artísticas desempenham um papel fundamental no conjunto total do que se veio a conhecer como a ópera.

Como exemplo dessa ampla confluência de artes, com origem na literatura, podemos citar *A dama das camélias* (primeira publicação em 1848), de Alejandro Dumas (filho). Esta obra literária pertence ao período de transição do Romantismo ao Realismo. A ópera “*La Traviata*” (1853), do compositor italiano Giuseppe Verdi, está baseada nesse romance. Contudo as inter-relações dessa obra literária não cessam nessa confluência, pois ela também é uma das obras que recebeu atenção especial da sétima arte: o cinema. Quando a essa conjunção – Literatura, Música e Teatro – se junta a arte cinematográfica há não só uma ampliação e enriquecimento no contexto artístico como também uma maior popularização dessas artes conjugadas, que deixam de ser tão eletizadas e seu acesso é oportunizado a um público muito maior. Graças ao invento dos irmãos Lumière, em 1895, quando estes realizam a primeira exibição pública de cinema, que essa nova e intensa confluência se faz possível.

Assim, a obra de Dumas (1848) foi levada às telas, com título homônimo, já em 1921. Além dela temos também o filme “*La Traviata*”, de Challis Sandersen, em 1922. Inspirada também na obra de Dumas, parece nas grandes telas, em 1947, “*La Desideria*”, que narra as aventuras de uma jovem atriz eleita por um produtor cinematográfico para personificar a Margarita Gauthier – a dama das camélias. Além

dessas adaptações ao cinema temos uma mais, produzida na América Latina, mais especificamente na Argentina, em 1953, cujo título é “La mujer de las camelias”.

Todas essas diferentes produções remetem ao que expressou Josmar de Oliveira Reyes (2009, p. 870), ao mencionar que “o termo adaptação é aplicado a filmes tendo origem numa obra literária, recorrendo explicitamente ao seu conteúdo e estrutura narrativa e suas personagens. Este termo designa uma operação deliberada de transferência”. Contudo, cabe ressaltar que

[...] a adaptação não é um simples veículo de conteúdos e assuntos. Ela é em primeira instância uma operação de leitura que depende da cultura e do mundo de referência do autor e do espectador. Mas o cinema não necessita retomar explicitamente a substância de uma obra literária para tratar o tema. Não existe neste sentido hierarquia entre a literatura e o cinema tanto quanto entre obras literárias quando as consideramos como produtos de uma escrita. (REYES, 2009, p. 869),

Exemplos dessa confluência entre artes que se estabeleceram desde a Antiguidade podem ser apreciadas nas expressões literárias e musicais da atualidade, unidas a mais atual arte cinematográfica. Desse modo, diferentes gêneros literários, interpretados e expressados por meio da música, inspiraram inúmeras produções cinematográficas. Destacamos, entre outras:

- *La Corte de Faraón* (A corte do Faraó): filme de José Luis García Sánchez, baseado na Zarzuela (1910) de mesmo nome e que foi protagonizada pelos conhecidos atores Ana Belen y Antonio Banderas, de 1985.

- *Cavalleria rusticana*: (Fatal desire, 1953) filme de Franco Zeffirelli, baseado na ópera homônima (1890) na qual atuou Plácido Domingo, de 1982.

Todos estes são produtos artísticos que se originam a partir das diversas confluências de artes e, finalmente, resultam num filme. Assim, “[...] o cinema, por mais que queira afirmar sua individualidade, é obrigado a admitir heranças da fotografia, do teatro, da dança, da música e de outras linguagens.” (GERBASE, 2003, p. 64).

Essa forma híbrida de expressão artística entre Literatura, Música e Cinema constitui-se ainda hoje em uma das facetas das culturas neolatinas que, desde as

tradições orais dos romances empregados por jograis e trovadores, efetuam essa confluência e, desse modo, enriquecem todas as expressões. Assim, temos, hoje, a possibilidades de conhecer e apreciar os melodiosos e rítmicos versos do poeta hispânico Rafael Alberti na interpretação musical da atriz espanhola Ana Belen, assim como os versos do poeta chileno Pablo Neruda, de seu “Poema XV”, na inesquecível voz de Mercedes Sosa e parte do talento de Neruda no filme “Il postino (O carteiro e o poeta)” de 1994, do diretor Michael Radford, originalmente em idioma Espanhol e Italiano, que tem o romance *Ardiente Paciencia*, de Antonio Skarmeta, como fonte inspiradora.

Na atualidade podemos, pois, apreciar as várias formas de expressão artísticas híbridas criadas ao longo do tempo. Essas expressões não são estáticas, mas sim evolutivas. Elas continuam seu caminho rumo ao desenvolvimento de suas máximas potencialidades. Todas as diferentes formas de expressão comunicativa estiveram sempre entrelaçadas e é esta confluência que enriqueceu a todas as diversas possibilidades de exteriorizar a visão de mundo de cada ser humano. Desse modo,

Ao encontro de uma inspiração literária e da utilização da linguagem cinematográfica nasceram obras que, não se contentando em explorar temas ou formas literárias, de serem unicamente um receptáculo, elaboram formas artísticas que são um novo estado do texto das quais elas prolongam ou renovam o questionamento. É preciso situar a adaptação na interseção, como um lugar de intercâmbio e de circulação. A adaptação modifica o sentido e a amplitude da narrativa. A passagem da literatura ao cinema induz uma mudança de espécie narrativa como nos diz Paul Ricoeur. Não se deve, portanto, falar somente de dependência, ou ao inverso de aspiração à autonomia, nem em procura da especificidade, mas apreender a relação dialética que está presente entre os conteúdos das duas linguagens e das duas artes. (REYES, 2009, p. 870)

Isso possibilita, também, a separação e desenvolvimento individual de cada uma dessas múltiplas maneiras de estabelecer vínculos de comunhão com o outro e consigo mesmo num processo contínuo de auto-renovação. Todas as artes, como formas de expressão do ser humano, de alguma maneira estão imbricadas num mesmo plano de

representação e, portanto, apresentam proximidades. Cada uma delas faz suas escolhas ao lidar com sua matéria prima. Com relação à arte literária, podemos observar que

[...] al traducirse en lenguaje, al ser contados, los hechos sufren una profunda modificación. El hecho real [...] es uno, en tanto que los signos que podrían describirlo son innumerables. Al elegir unos y descartar otros, el novelista privilegia una y asesina otras mil posibilidades o versiones de aquello que describe: esto, entonces, muda de naturaleza. Lo que describe se convierte en lo descrito. (VARGAS LLOSA, 2002, p. 18).

Ao pensarmos na confluência Literatura, Música e Cinema, pensamos na conjugação de palavras, imagens e sons. Segundo registra Alves (2009, p. 381) “o cinema pressupõe um processo de transformação da escrita para a imagem, o que de certa maneira o aproxima da literatura, pois tanto uma arte quanto a outra fazem uso de uma matéria prima bastante semelhante”. Ao discutir as aproximações entre as duas linguagens e seus entrecruzamentos, Rebeca Alves (2009, p. 381) menciona: “além disso, a ficção, realidade primeira dos textos literários, também se aplica à arte cinematográfica. Tanto esta afirmação é verdadeira, que o cinema constantemente leva às telas adaptações de obras literárias”. Por outro lado, Reyes (2009, p. ??) defende que “o cinema é realista na medida em que mostra as coisas ao invés de as sugerir através de um texto. No entanto, o que se vê na tela não é jamais uma cópia rasa da realidade exterior, mas pertence à ordem mais secreta de uma verdade interior”. Ao voltar-se à especificidade da linguagem cinematográfica Reyes (2009, p. 872) afirma:

Na medida em que o cinema trabalha diretamente com a realidade dos objetos e dos homens, e não, como a escrita literária, com a representação abstrata dada pelas palavras, a obra é o fruto de uma luta que em certos momentos torna-se inglória. Mesmo que o cinema seja uma escrita, é sempre sua radical diferença com as palavras que impressiona, porque esta escrita é capaz de exprimir outra coisa que as palavras não dizem. A imagem pontua o real, tentando evitar sua opacidade e introduzindo a distância reflexiva através de uma formatação conceitual. A imagem não é a realidade e a participação fascinante que ela engendra no espectador não é um compromisso com o real, mas com sua representação. Nenhuma voz vem, de maneira explícita, auxiliar no deciframento do que parece ser enviado sem resposta ao olhar do espectador.

O enriquecimento decorrente da conjugação de diferentes expressões artísticas, como meios de comunicação do ser humano, possibilita, pois, uma forma pluralizada de manifestação que oportuniza a exteriorização de todo o complexo de representação que palavras, imagens e sons podem amalgamar em um único objeto artístico: uma produção cinematográfica inspirada na confluência da Literatura com a Música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. Cinema na literatura: a linguagem fílmica em *O selvagem da ópera*, de Rubem Fonseca. In: ANAIS DO IX SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA HISTÓRIA E MEMÓRIA – LITERATURA NO CINEMA. Cascavel: Edunioeste, 2009, p. 388-389.

GERBASE, Carlos. *Impactos das Tecnologias digitais na narrativa cinematográfica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

GÓMEZ DOMINGO, F. M. Fortuna y adversidades del cuento fantástico en la literatura española. In: ANUÁRIO BRASILEÑO DE ESTUDIOS HISPÁNICOS. Brasília: Embajada de España en Brasil, 2007, p. 55-75.

GUIJARRO CEBALLOS, J. *Humanismo y Literatura en tiempos de Juan del Encina*. Salamanca: Ed. Universidad de Salamanca, 1999.

MERINO, J. M. *“Homo narrans”, días imaginarios*. Barcelona: Seix Barral, 2002.

REYES, J.de O. O filme como leitor do texto literário: reflexões teóricas. In: ANAIS DO IX SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA HISTÓRIA E MEMÓRIA – LITERATURA NO CINEMA. Cascavel: Edunioeste, 2009, p. 868-880.

VARGAS LLOSA, M. *La verdad de las mentiras*. Barcelona: Seix Barral, 1996; Buenos Aires: Alfaguara, 2002.